



CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI Nº , DE 2021

(Do Sr. Geninho Zuliani)

Reconhece a Festa de Nossa Senhora Achiropita, realizada no Município de São Paulo, Estado de São Paulo, como manifestação da cultura nacional.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º - Fica reconhecida a Festa de Nossa Senhora Achiropita, realizada no Município de São Paulo, Estado de São Paulo, como manifestação da cultura nacional.

Art. 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

No segunda metade do século XIX, houve um grande movimento migratório da Europa, na direção de vários países. Muitos países receberam milhares de imigrantes, vindos da Itália, da Alemanha, Espanha, Polônia e França. Os países da emigração foram sobretudo os Estados Unidos e Canadá, a Austrália, alguns países da África e particularmente o Uruguai, Argentina e Brasil, na América do Sul.

Neste mesmo período, surgiram inúmeras congregações religiosas, especialmente na França e na Itália, como esforço da Igreja de atender as massas populares que se aglomeravam nas cidades e que abandonavam a Igreja, fascinadas pelos movimentos socialistas anti-religiosos.





CÂMARA DOS DEPUTADOS

Uma grande massa de imigrantes vieram para as terras brasileiras, particularmente nos estados do Sul. Quando estes imigrantes eram protestantes, fundavam cidades, com igrejas protestantes. Na maioria das vezes, estas comunidades eram italianas e traziam o catolicismo como religião tradicional.

Neste período, vem para o Brasil e para a América Latina muitos religiosos, pertencentes a estas congregações religiosas. Na verdade, grande é também o contingente de sacerdotes do clero secular. Estas congregações são muito importantes na formação dos filhos de imigrantes, no amparo das crianças abandonadas, nos cuidados dos hospitais e nos asilos de idosos.

Algumas congregações vieram com o objetivo de proteger e educar na fé as famílias dos imigrantes. Em terras brasileiras, dedicavam-se às instruções dos filhos de escravos, expulsos das fazendas de cana de açúcar e café e jogados nas periferias das cidades.

Algumas destas famílias religiosas, como os salesianos, na educação dos jovens, as irmãs de Villeneuve, na defesa das mulheres, os escalabrinianos, na defesa dos imigrantes, os camilianos no socorro dos doentes, os dominicanos, na evangelização dos filhos do povo. Reconhecemos a presença das Irmãs da Caridade de Santa Paulina. Em todas as igrejas, nota-se a presença dos religiosos ou leigos vicentinos, socorrendo os pobres em suas primeiras necessidades.

Destacamos a presença dos Filhos e Filhas de São Luís Orione, que se dedicaram à educação dos filhos de escravos, camponeses, caboclos e particularmente os deficientes físicos e mentais. Os religiosos lazaristas e os maristas dedicaram-se às escolas e ao amparo dos jovens mais pobres.

Estas congregações continuam sendo uma presença importante na Igreja e na sociedade brasileira, servindo sempre no socorro aos pobres e na defesa dos direitos dos povos mais empobrecidos (do livro: A.S. Bogaz – R.C. Thomazella. Edificar a Igreja. 2005).

Neste período, uma grande multidão de imigrantes europeus, sobretudo italianos, veio para o Brasil, fugindo das guerras internas e da grande miséria que assolava as várias regiões da Itália, em constante conflito entre si, antes e depois da unificação, em 1870. Os italianos ocuparam as regiões sul do Brasil, constituindo cidades e novos povoados e desenvolvendo a agricultura e as pequenas propriedades. Para as regiões do sudeste,





CÂMARA DOS DEPUTADOS

especialmente interior de São Paulo, vieram italianos do norte do país, tornando-se a mão de obra mais especializada das plantações de café e agricultura de subsistência. Anda hoje, seus descendentes ocupam estas terras e povoam estas regiões, deixando grande herança cultural e religiosa.

Em São Paulo, particularmente nas regiões da Mooca, Campos Elísios, Brás e Bela Vista (Bixiga) se instalaram os italianos que vieram do sul da Itália, especialmente da Calábria. Vieram para trabalhar nas fábricas e desenvolveram a gastronomia. Neste universo migratório, vieram os imigrantes da região da Calábria, que trouxeram a devoção dos santos mais populares, especialmente Nossa Senhora Achiropita. Trata-se de uma história maravilhosa e cheia de encantamento que ainda hoje é narrada por seus descendentes mais tradicionais.

O início da Festa de N. Sra Achiropita foi no começo do século XX, quando os primeiros imigrantes chegaram ao Bixiga. Eles trouxeram uma imagem que começou a ser venerada pelos fiéis em 1908 na casa de João Falcone, na Rua Treze de Maio, nº 100. Foi erguido lá um altar de madeira na rua de terra batida, onde era colocada a imagem da santa e nos dias 13,14 e 15 de agosto eram celebradas missas e iniciadas as festas de N. Sra Achiropita, com o objetivo de comprar um terreno para construir uma capela. E o lugar escolhido foi o da atual igreja.

Os anos foram passando, e aquela capelinha ficou pequena para tanta gente. Era preciso construir uma igreja grande e definitiva, mas não havia dinheiro. Decidiram continuar com a quermesse e formar uma comissão de festa. Naquela época haviam barracas com sorteios das prendas arrecadadas, leilões sobre carroças, um pau de sebo e a animada banda dos Bersaglieri, vinda da Itália. Havia também a procissão levando a imagem de N. Sra Achiropita e N. Sra da Ripalta, nessa época já penduravam fitas na sua mão e as famílias faziam suas doações em dinheiro. As sacadas eram enfeitadas com colchas e toalhas.

Durante a segunda guerra a quermesse foi suspensa devido a perseguição dos italianos pelo governo de Getúlio Vargas, porém a parte religiosa continuou com missa, novena e procissão. Na década de 50 voltaram a acontecer.

As décadas de 50 e 60 foram o apogeu religioso, haviam cinco barracas de sorteio sob a responsabilidade das associações religiosas: apostolado da oração, marianos, filhas de Maria, vicentinos e vocações. Neste





CÂMARA DOS DEPUTADOS

período foi feita a primeira barraca de comida, muito bem aceita, feita por senhoras da comunidade: o sanduíche de pernil. Nesta época, as ruas eram enfeitadas com cordões de lâmpadas coloridas.

A partir de 1975 as famílias traziam pratos doces e salgados para vender na festa. A festa continuava sendo feita no pátio que havia atrás da igreja. As barracas eram diversas mesas espalhadas onde todos faziam de tudo e ninguém escolhia o serviço, inclusive faziam fila para lavar a louça, pois havia apenas uma pia para todos lavarem seus materiais para o dia seguinte.

Em 1979 a festa foi definitivamente para a rua e em 1980 firmou-se com a devida autorização da prefeitura. Neste ano existiam treze barracas e cerca de 200 voluntários. Neste período houve a participação de entidades do bairro, mas algumas não assumiram o espírito da comunidade e outras desistiram durante a festa, permanecendo mesmo apenas os voluntários. Neste mesmo ano a grande novidade foi a barraca de fogazza que começou a ser feita apenas com 2kg de farinha como experiência; primeiro foram fritas com os pastéis, mas logo no dia seguinte já foi preciso aumentar a quantidade, que era insuficiente. Em 2003 já eram nove toneladas de farinha. A equipe, formada por algumas senhoras, passa a ter 130 equipistas. Outra inovação na década de 80 foi a Cantina di Napoli, montada no terreno ao lado da igreja. Mesões foram instalados e um palco feito pela Paulistur para os cantores das cantinas do bairro animar a festa.

Em 1983 eram 22 barracas com 350 voluntários. Neste ano foi lançada a pedra fundamental das obras sociais (CEDO), e os preparativos eram feitos na garagem da província. Em 1985 a cantina passa a ser montada no prédio das obras sociais e um palco definitivo foi feito com um conjunto tocando músicas típicas italianas. Foram colocadas mesas com lugares numerados para cerca de 850 pessoas. Surgia a CANTINA MADONNA ACHIROPITA. Outro costume passou a ser o provolone de dois metros e cerca de 100kg, um dos símbolos da festa.

Na década de 90 a festa teve um grande avanço em relação a patrocinadores, colaboradores e benfeitores. Nesta mesma década decidiu-se fazer uma missa em homenagem aos imigrantes italianos que aqui chegaram e trouxeram esta devoção a N. Sra Achiropita e a seus descendentes que continuam trabalhando para que isto não acabe.

Atualmente visitam a festa mais de 200 mil pessoas vindas de S. Paulo e de todo o Brasil. São 30 barracas e mais de mil voluntários. Grande





CÂMARA DOS DEPUTADOS

parte dos visitantes vai a igreja participar das missa, e das bênçãos que acontecem de hora em hora.

A festa propaga a devoção a N. Sra Achiropita para muitas pessoas e é mais conhecida no Brasil do que na própria Itália, constrói as obras sociais e as mantém. Toda a renda gerada pelo trabalho feito gratuitamente com todo o amor dos mais de mil voluntários, durante todo o mês de agosto é revertido, integralmente, para a manutenção das Obras Sociais N. Sra Achiropita.

No ano de 2020 aconteceu a 94ª Festa Edição Especial, que teve um formato diferente por conta da pandemia do COVID19.

Não se desconhece que no âmbito da Comissão de Cultura, a Súmula nº 01, de 2013 preconiza, in verbis, que “no caso de iniciativas legislativas que pretendem reconhecer oficialmente determinado bem como parte do patrimônio cultural brasileiro ou como patrimônio imaterial, existe obstáculo legal, na medida em que essa é uma atribuição do Poder Executivo, mais especificamente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão afeto ao Ministério da Cultura (MinC). Tal incumbência foi conferida pelo Decreto-Lei nº 25, de 1937, que “organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional”.

De toda sorte, plenamente possível que a presente proposição reconheça a Festa de Nossa Senhora Achiropita como “manifestação da cultura nacional”.

Assim, submetemos a presente proposição à apreciação dos ilustres pares e os conclamamos a aprova-la. Pois cuidar das cidades (e de suas tradições) é cuidar das pessoas.

Sala das Sessões, _____ de julho de 2021.

Geninho Zuliani
Deputado Federal DEM/SP

